

A armadilha do tempo na história

Adelino Cunha

Universidade Europeia; Universidade NOVA de Lisboa
Lisboa - Portugal
adelino.cunha@universidadeeuropeia.pt

Resumo: Este artigo começa por defender que a história é um esforço contínuo de fazer avançar o conhecimento presente através de perguntas ao passado para depois colocar em perspectiva a função do tempo. São utilizadas perspectivas comparadas com alguns filmes de ficção científica não tanto para estabelecer inexistentes pontos de contacto com a realidade, mas apenas como recurso narrativo para repositonar a história na sua centralidade: o conhecimento histórico é importante não porque o passado pode ser mudado, ou porque se repete, mas pela importância determinante que pode ter para interpretar o presente. Os historiadores sabem que a história não se repete, mas podem olhar para filmes como o *Interstellar* como desafios para renovar o seu ofício de reinterpretação do conhecimento histórico sabendo que o passado *em si* continuará a ser o que foi: uma descoberta sem tempo concreto. Não se pode mudar a ascensão do nazismo nem se pode evitar a derrocada da União Soviética e a transformação das dinâmicas do mundo contemporâneo, mas podemos, e devemos, questionar o tempo em que as coisas aconteceram e, acima de tudo, como aconteceram. É esse o objectivo deste artigo, sugerir que a imobilização do que aconteceu no seu tempo concreto representa um desafio para a sua revisitação e reinterpretação e assim fazer avançar o conhecimento histórico presente.

Palavras-chave: História. Ficção Científica. Tempo. Nazismo. União Soviética.

Introdução

As perguntas parecem estúpidas o suficiente para serem ignoradas, mas continuamos a ouvi-las assobiar sobre as novas cabeças como o martelo de Thor: podemos mudar o passado? O passado pode repetir-se? Não levem a mal, mas perguntem ao *Cooper* (Matthew McConaughey).

Depois de mergulhar no buraco negro Gargântua, a estrela do filme *Interstellar* tornou-se no primeiro ser humano habilitado a responder a essa pergunta, na medida que conseguiu compreender que o tempo pode ser interpretado em diferentes dimensões físicas, e susceptíveis de algum tipo de interacção. Pode então o passado ser mudado?

É cedo para (não) responder à pergunta, mas quando o realizador Christopher Nolan começa por colocar *Cooper* por detrás da estante (*dentro da estante*) do quarto da filha, o que está a fazer é sufocar o espectador com a dor com que o condena a ser

um mero observador: incapaz de comunicar com *Murph* (Macenzie Foy). Eles não comunicam porque estão em tempos diferentes.

O jogo emocional torna-se intenso até que *Cooper* consegue libertar-se da armadilha dimensional do tempo e do espaço e interpreta os blocos de luz à sua volta como sendo blocos de tempo passado. Leu bem: blocos de tempo de passado, blocos sem organização aparente, blocos compostos de fios luminescentes que são fios de tempo e que podem ser manipulados como um tear. Um festival para os sentidos.

Depois de compreender que se encontra numa quinta dimensão, dentro de um *tesseract* onde tempo tangível pode ser manipulado fisicamente (se o tempo pode ser manipulado, parece que o passado pode repetir-se, ou não?), *Cooper* aprende a comunicar com o passado em três instantes diferentes através do hiper-cubo.

No primeiro momento (o momento “FICA”), comunica com a filha adolescente através do envio de uma palavra para o passado (“STAY” codificada em morse) e utiliza a gravidade para derrubar os livros através do tempo: que ao caírem compõem um conjunto de traços e pontos no chão coberto de pó. É um acto desesperado não apenas para mudar o passado, mas para pará-lo.

A partir do futuro onde se encontra, *Cooper* consegue agora comunicar (através de anomalias gravitacionais) para apelar à filha que o impeça de partir, mas *Murph* não consegue convencê-lo a ficar: o pai recusa ouvir-se a si próprio porque não se pode mudar o passado (a separação futura entre ambos será irreversível).

É uma dinâmica de descoberta que leva então *Cooper* a conduzir-se a si próprio para o futuro: é para isso que servem as coordenadas da base secreta de NASA que codifica em sinais de morse (marcados na poeira do chão do quarto). É o futuro a comunicar para o presente.

Cooper sabe neste momento que o quarto de *Murph* é uma construção tridimensional do passado organizado em blocos de tempo, mas se o passado observado não se muda, poderá então ser usado para escrever o que ainda não está escrito?

O terceiro e último momento representa (por isso mesmo) o tempo em acção: *Cooper* (já) sabe que tem de encontrar o momento certo do presente não para mudar o passado, mas para influenciar o futuro. O passado não pode ser alterado e até a (boa) *sci-fi* respeita as regras.

Quando consegue comunicar com a filha, *Cooper* já está a comunicar com *Murph* na sua idade adulta (Jessica Chastain), isto é, *Murph* encontra-se no seu

presente (no tempo certo) e *Cooper* continua no seu futuro: agora, não comunicam para parar o tempo, mas sim para construir o futuro (e salvar a humanidade fornecendo informação sobre aquilo que ainda não aconteceu: como resolver equações gravitacionais quânticas para construir uma estação orbital que acolha o êxodo).

São cerca de 13 minutos de filme (mais coisa menos coisa) para dramatizar esta relativização do tempo e do espaço, que estica e encolhe, mas são 13 minutos que preservam uma ideia generosa: mesmo quando encontramos o tempo certo para interagir com o passado, nunca o conseguimos alterar.

O nazismo antes do nazismo

Quando Richard Wagner (1813-1883) escreveu (em 1869) uma carta ao filósofo e musicólogo Édouard Schuré a insurgir-se contra o poder e a (má) influência dos judeus na cultura na alemã, estava longe de saber que a sua viúva e os amigos haveriam um dia de transformá-lo em fonte inspiradora na criação e expansão do movimento antissemita.

O compositor estava *ainda mais longe* de saber que o próprio Hitler lhe havia reservado o papel de herói romântico da banda sonora do próprio nazismo, exacerbado pelos mitos nacionalistas pseudo-germânicos das suas magníficas óperas, e certamente convicto de que todas aquelas figuras lendárias e heroicas podiam representar modelos do emergente III Reich.

Se Wagner tivesse entrado no Gargântua em 1945 poderia comunicar com o presente de 1935 dando conta do que se passaria na década seguinte em torno das ideias antissemitas, mas nada disso seria suficiente para mudar a história porque aquele passado já teria acontecido. Wagner estaria no tempo errado, mas só poderia tê-lo entendido depois de ter escrito as linhas que haveriam de justificar uma penosa (e agora persistente) acusação de ser antissemita cultural (ROSS, 2020; KATZ, 1986; WEINER, 1995).

Há coisas que não se mudam porque não se podem mudar, e foi assim que Wagner perdeu o seu *stay moment*. Quando escreveu a Schuré, Wagner talvez desconhecesse a admiração que um sujeito chamado Wilhelm Marr (1819-1904) então expressava por si nas chamadas “Letters from Bayreuth”, que começou a publicar em Viena na sequência do Bayreuth Festival (criado por Wagner em 1876 com alguma polémica pelo meio).

Os sucessivos textos de Marr foram escavando de tal forma um ódio estruturado contra os judeus que haveriam de gerar o termo “antissemitismo” e levar à criação da primeira Liga Antissemita” para combater a influência dos judeus na sociedade alemã (SPOTTIS, 1004).

A carta que publicou em 1862 no *Courier an der Werer* (“The Bremen Letter”), o ensaio “Whithin Philo-Semitism” de 1887 e o apocalíptico “The Testament of an Anti-Semite” de 1891, não se limitaram a introduzir um termo novo na opinião pública, mas a fazer nascer um movimento político-social contra os judeus (ZIMMERMANN, 1987).

Talvez deva agora ser dito que de nada teria servido a Wagner eventualmente rever as linhas da carta para Édouard Schuré a partir do momento em que se descobriu que o próprio Wagner era o autor escondido do ensaio *Das Judentum in der Musik* (publicado em 1850). Um ensaio contra a influência dos judeus na cultura e na música em particular.

É por isso que os historiadores dão conta de um crescente radicalismo de Wagner contra os judeus, provavelmente acicatado pelos textos de Wilhelm Marr e pela influência da sua segunda mulher (a filha do compositor Franz Liszt)¹: “Wagner deixou de desejar a assimilação dos judeus pela sociedade alemã e passou a pretender a sua exclusão” (EVANS, 2005; MOSSE, 1999; STERN, 1974; FRØLAND, 2020).

Quando o historiador Richard J. Evans escreve sobre este “evangelho do ódio”, não está apenas a pensar no compositor Richard Wagner e no ensaísta Wilhelm Marr. Terá certamente em mente a considerável lista de intelectuais alemães que assumiram em público as suas teses racistas, ou seja, a defesa da superioridade dos alemães e da raça alemã. Hitler ainda nem tinha nascido, mas já pouco faltava para o antissemitismo se tornar racial na Alemanha.

O etnógrafo/diplomata Joseph Arthur, conde Gobineau (1816-1882), publicou em 1853 uma teoria onde começa por defender a divisão da humanidade em três grupos cromáticos para depois identificar a miscigenação como o principal factor do declínio das grandes civilizações (GOBINEAU, 1853).

¹ Após a morte de Wagner, a viúva Cosima começou a agregar uma série de admiradores do falecido marido em torno de ideias antissemitas e a patrocinar o surgimento de organizações de combate aos judeus através das teorias racistas, por exemplo, a Sociedade Gobineau (Cosima Wagner, *Diaries (1878-1883)*). O combate aos judeus mobilizava-se através da ideia de que haveria de chegar um novo *kaiser* para tirar a Alemanha da sombra e reerguê-la como a grande nação teutónica. O livro de Julius Langbehn, por exemplo, teve bastante sucesso com o seu ataque aos judeus enquanto “praga” e “cólera”, *Rembrandt as Educator* (1890).

O elogio a uma certa ideia de “raça ariana” pura fez caminho na sociedade alemã e levou à criação da Sociedade Gobineau em 1894. É preciso que isto seja dito: foi um caminho com poucas resistências e que fluiu nos sentimentos feridos pela humilhação de Versalhes (KEYNES, 2013; TAMPKE, 2017; BOEMEKE et. all., 1998; ANDELMAN, 2014): “[Hitler] soube utilizar como ninguém o Tratado de Versalhes, em conjunto com os generalizados sentimentos de humilhação, como um método integrador por cima de todas as barreiras, mobilizando assim a nação” (FEST, 2019).

A iniciativa partiu de Ludwig Schemann (1852-1938), que traduziu o livro e ficcionou uma “raça ariana”. Difundiu as teses racistas em parceria com Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), marido de uma das filhas da Wagner e igualmente membro do grupo racista mobilizado pela viúva do compositor. O seu livro defende entusiasticamente a ideia da superioridade da civilização europeia baseada nas virtudes dos povos teutônicos e responsabiliza os judeus pelos prejuízos provocados nos momentos de declínio desde a queda do império romano (CHAMBERLAIN, 1899).

É nesta dinâmica de difusão que projectam o “arianismo” por toda a sociedade alemã levando consigo a ideia da superioridade da raça: estes homens (estas ideias) unificaram o antissemitismo e o racismo na lógica do darwinismo social e criaram assim uma das bases ideológicas do nazismo.

Quem tenha atravessado o Gargântua terá percebido que este radicalismo estava num crescendo potencialmente perigoso e à beira de uma viragem definitiva, ou seja, à beira da sua institucionalização no espaço público (e pouco ficaria a faltar até ser assimilado por um movimento político que quisesse ascender ao poder baseado *naquilo que o povo queria ouvir*). Até que um dia alguém afirmou em voz alta: “Os judeus são a nossa desgraça”.

Foi o historiador nacionalista Heinrich von Treitschke (1834-1896) quem passou o Rubicão através da publicação de uma obra de carácter histórico que (uma vez mais) foi recebida com simpatia pelo público (e muitas críticas dos meios académicos) (VON TREITSCHKE, s/d.).

Abria-se todo um novo caminho em busca do passado germânico glorioso baseado na raça e na reconquista do seu espaço vital, que encontrou no antropólogo Ludwig Woltamann (1871-1907) um eficaz teorizador dessas ideias, ancoradas na convicção de que a raça germânica havia sido escolhida para dominar a Terra (WOLTAMANN, 1903).

As monumentais óperas de Wagner com os seus apelos aos heróis germânicos de um passado glorioso surgiam com naturalidade nesta cavalgada.

Tornou-se depois fácil alguns círculos sociais aceitarem a afirmação marcial do general Friedrich von Bernhardi (1849-1930) de que a guerra havia se tornado numa necessidade biológica: “Sem a guerra, as raças inferiores ou decadentes abafariam facilmente o crescimento dos rebentos saudáveis e seguir-se-ia a decadência universal” (VON BERNHARDI, 1912).

Afirmar que “os judeus são a nossa desgraça” e reivindicar a guerra como uma “necessidade biológica” representa enorme relevância na formação do espaço público (os nazis perceberam bem a sua importância na mobilização das massas e fizeram da frase um slogan de sucesso), mas as teses propagadas pela Liga Antissemita e pela Sociedade Gobineau podiam ter ficado condenadas na volatilidade desse mesmo espaço público.

Poderiam ter morrido lentamente. Morrido pela força de democracia de Weimar. Morrido pela mobilização da opinião pública contra os radicalismos do passado próximo. As ideias não morreram porque encontraram terreno fértil para medrarem, e uma questão tradicionalmente religiosa transformou-se numa quimera racista mesmo que incendiada a partir de sectores minoritários. A democracia nada podia fazer (HETT, 2019; WEITZ, 2018; BARTH, 2020).

O discurso antissemita dos partidos radicais começou a ser absorvido pelo Partido Conservador e pelo Partido do Centro precisamente para responder ao eleitorado², mas o que se está a perguntar é como se passou de uma polémica sobre o “excesso de influência” dos judeus para a necessidade de “exterminar a raça”? Quem fundamentou os textos? Quem tornou afirmações mais ou menos panfletárias em teorias credibilizadas por serem debatidas na corte, no exército e nas universidades? Quem conceptualizou essa nova ordem social baseada na biologia que haveria de constituir-se como política do Estado alemão?

² O Partido Conservador adoptou a linguagem antissemita para satisfazer a base eleitoral protestante rural do norte da Alemanha, bem como às profissões liberais urbanas ligada à democracia-cristã; o Partido do Centro, de maior dimensão e com mais influência política social, seguiu idêntico caminho para agradar aos sectores mais conservadores igualmente próximos dos sectores católicos.

A importância dos segundos na antiga URSS

Quando Matt Damon diz que terá de usar a *ciência certa* para sair sozinho daquele planeta desolador, está a dizer que irá usar os únicos recursos humanos existentes em Marte para cultivar batatas (sim, batatas) e ganhar assim tempo para regressar à Terra (*The Martian*, Ridley Scott, 2015).

Quando Wilhelm Schallmayer (1857-1919) afirma que a degeneração da raça humana deve ser evitada com uma abordagem científica que controle a procriação para eliminar os elementos mais frágeis das sociedades, está a *consagrar* a eugenia como ciência médica (WEISS, 1987).

É uma *ciência errada*: acreditar que as sociedades devem optar entre melhorar as condições de vida das populações mais vulneráveis ou optar por políticas públicas que impeçam o nascimento de portadores de deficiência através dos avanços da ciência genética. O que faltaria depois disto para se chegar à eugenia racial na dinâmica de reorganização do espaço público em torno do antissemitismo racial? Faltava que os médicos e os cientistas credibilizassem *cientificamente* o debate.

Primeiro, o médico Alfred Ploetz (1860-1940) começou por defender que a salvaguarda da superioridade de “raça alemã” dependia da capacidade do Estado para impedir o nascimento de bebés com deficiência (PLOETZ, 1895).

Depois, o biólogo Ernst Haeckel (1834-1919) popularizou uma projecção das ideias darwinistas na evolução natural das sociedades humanas (HAECKEL, 1899) e Alexander Tille (1866-1912) levou o darwinismo social ao extremo com a exigência da eliminação imediata dos deficientes físicos e mentais. O que Alfred Grotjahn (1869-1931) materializou com a sua proposta de esterilização obrigatória, por exemplo, para deficientes mentais e alcoólicos (GROTJAHN, 1898).

Este combate contra as pessoas que tinham “uma vida indigna” transformou-se num programa de purificação da sociedade alemã e levou o psiquiatra Alfred Hoche (Universidade de Freiburg) e o advogado Karl Binding (Universidade de Leipzig) a publicarem um livro defendendo a morte das pessoas que consideradas um fardo para a comunidade. O que seria um “acto de compaixão” (HOCHE; BINDING, 1920)

Se Richard J. Evans estiver certo, isto é, se todas estas ideias e opiniões não podem ser vistas como “uma ideologia que denote uma linha recta até ao nazismo”, dificilmente estará errado reconhecer a centralidade que acabaram por ter no seu processo de pré-configuração: “O antissemitismo e a higiene racial foram os

componentes principais de ideologia nazi”. Neste sentido, a questão situa-se mais no *como?* e menos no *quando?*. O *porquê?* já todos sabemos.

O antissemitismo e a eugenia fizeram caminho porque a sociedade alemã estava dominada pelos avanços crescentes da ciência e também aberta (mesmo que parcialmente, digamos) a formas de debate que misturavam ciência, higiene e crime. Foi a sua continuidade nestes termos que permitiu não apenas o enraizamento como a própria evolução do radicalismo, tendo por base uma linguagem moderna e inovadora (usada pelos antissemitas e pelos racistas para expressarem o seu ódio em termos “científicos”).

É disso exemplo a obra desenvolvida por Fritz Lenz (1887-1976), discípulo de Alfred Ploetz, que acabou por se tornar num dos mais importantes “teóricos da raça”, e por isso premiado com a integração no Partido Nazi (LENZ, 1921).

O debate contra os judeus e pela superioridade da raça alemã não só não se ficou pela Liga Antissemita e pela Sociedade Gobineau como aprofundou a sua institucionalização com a criação da Associação Alemã de Higiene Racial e a defesa da uma nova super-raça ariana.³ Tornara-se publicamente aceitável defender a eliminação das pessoas mais fracas. Faltaria pouco tempo até que a sua prática fosse iniciada. Primeiro, a eugenia social. Depois, a eugenia racial.

Aqui chegados, convém ter em consideração que estas dinâmicas que foram devorando a sociedade alemã devoraram-na antes de Hitler ter sequer nascido ou quando estava na sua infância ou adolescência. O que nos leva à pergunta: terão todos estes intelectuais, compositores, filósofos, médicos e cientistas sido nazis antes do tempo? Ou será que a história está a querer dizer-nos que já existia algum substracto que permitiu que Hitler lançasse e fizer brotar com sucesso a sua ideologia radical baseada nestas ideias?

Deverá a ascensão de Hitler ser enquadrada mais numa “cadeia de causas muito singular” e menos como uma “necessidade premente inerente ao processo histórico em desenvolvimento na Alemanha”? (MEINECKE, 1969), ou seja, pode Hitler ter sido uma espécie de *simples mobilizador* dos males importados: o racismo austríaco, o nacionalismo da revolução francesa, o darwinismo social dos ingleses? (LEHMANN et. all., 1994)

³ O próprio Hitler viria a citar alguns dos panfletos de Lanz von Liebenfels.

Quando se admite perguntar se Hitler é um produto do processo histórico da Alemanha ou se os alemães foram vítimas de Hitler e das suas circunstâncias (FINNEY, 2011), importa revisitar toda a obra de Richard Evans e em especial as suas reflexões sobre como se continua a tentar escapar ao passado (EVANS, 1989): vendo em Hitler um *simples acidente* da História e (ainda por cima) incompreendido pelos seus contemporâneos (FEST, 2019).

É mais fácil formular questões do que responder-lhes (HOBSBAWM, 2010), mas o que é a história senão um esforço contínuo de fazer avançar o conhecimento presente através de perguntas ao passado?

O poder da palavra

Quando *Cooper* mergulhou no Gargântua já era um *Cooper* significativamente mais novo do que a própria filha que deixara na Terra. O tempo passara de forma diferente no planeta coberto de água onde havia procurado uma das missões *Lazarus*. Cada hora no planeta oceânico correspondia a 7 anos na Terra (*time dilation factor*: 61.000), mas a genialidade desta sequência não está tanto na deformação do tempo - nem no uso da própria ciência de Einstein que suportou a narrativa (THORNE, 2014), mas sim na percepção do espectador: a genialidade encontra-se escondida num contínuo tique-taque.

Se fosse medido, o tique-taque daquela cena teria intervalos de 1,25 segundos. O que significa que Hanz Zimmer está a contar uma *estória* musical dentro da *estória* visual de Christopher Nolan, ou seja, cada compasso da música corresponde a um dia de filme na Terra.

Quando *Cooper* consegue sair do planeta, percebe que passaram 23 anos, 4 meses e 8 dias: foi o tempo que *Romilly* (David Gyasi) contou enquanto esperou aqueles *minutos*. Quando *Amelia Brand* (Anne Hathaway) explica que “o tempo é relativo, pode esticar ou encolher, mas não pode voltar atrás”, *Cooper* já só tem uma alternativa: mergulhar no Gargântua e aproveitar a sua rotação para se salvar, e salvar-se ao longo daqueles breves minutos custar-lhe-á mais 68 anos (daí reencontrar a filha nos dias finais da sua vida).

É a música que faz o tempo dilatar, e quando o tempo dilata significa que *Murph* já se tornou uma mulher adulta: a cientista que salvará a Terra depois de o pai

encontrar o momento certo da história, não para mudar o passado, mas para criar o futuro.

Teria Mikhail Gorbachev dito o que disse nas vésperas do Natal de Dezembro de 1988 se tivesse a oportunidade de viver o tempo futuro dentro de um *tesseract* ou na espiral do Gargântua? Teria o líder soviético criado aquele futuro?

Gorbachev e a sua mulher estavam na moda no Ocidente na segunda metade da década de 80, mas não foram as compras de Raisa Gorbachev com um cartão de crédito capitalista (ou as capas na *Time* e na *People Weekly*) que provocaram um tufão na União Soviética: foi o bater de asas de Mikhail Gorbachev em Nova Iorque que fez o muro desabar em Berlim (MAJOR, 2010; MEYER, 2012; ENGEL, 2009; SAROTTE, 2015; TAYLO, 2008; SEBESTYEN, 2010).

Poderá aquele discurso (a palavra) ter derrubado um império? Felizmente, os historiadores (por não serem especialistas em *prever o passado*) não sabem responder à pergunta, mas estão de acordo que o discurso do líder soviético nas Nações Unidas era mais do que sintaxe e semântica.

Era uma nova gramática na organização das relações internacionais: acabar com a divisão marcial do mundo em dois blocos visceralmente antagónicos (através de uma dinâmica acelerada de desarmamento) e *ao mesmo tempo* mudar também toda a União Soviética (mudando o sistema político interno e as suas esferas de influência no exterior).

No palco principal das Nações Unidas, primeiro, Gorbachev reconheceu a liberdade de escolha como princípio universal; depois, anunciou uma redução unilateral de 500.000 efectivos militares soviéticos; acrescentando ainda a retirada de aviões, tanques e artilharia da RDA, da Checoslováquia e da Hungria (GORBACHEV, 2006).

Ouviram-se muitos aplausos nesse dia e ainda mais elogios nos dias seguintes, mas voltando ao princípio do parágrafo (o que realmente interessa): o que significa liberdade de escolha para quem tinha bem presente as invasões da Hungria e da Checoslováquia (e do Afeganistão)?

Significa que o futuro ex-líder da União Soviética está a libertar todo o Bloco de Leste: assume a liberdade de escolha como princípio universal para todos os países, clarifica que também se aplica aos países socialistas e que isso deverá futuramente ser traduzido numa certa ideia de “unidade na diversidade” (GORBACHEV, 2006).

Quando os países socialistas *percebem* que já podem escolher o seu destino sem as ameaças intervencionistas da *soberania limitada* (CHAFEZT, 1993; OUIMET, 2003; Jones, 1990), é natural que queiram fazê-lo de imediato; e esse processo de recuperação da soberania (da possibilidade de escolher) foi classificado como uma “libertação”.

Se soubesse o que estava para acontecer 337 dias mais tarde, teria Mikhail Gorbachev deixado cair o Muro de Berlim e permitido a libertação dos *gardening states*⁴ com a promessa de não interferência militar nas suas escolhas políticas?

Em 1985, quando os velhos dirigentes soviéticos foram buscar (com a permissão das elites militares) este tecnocrata nascido no Cáucaso para assumir a liderança da *pátria do socialismo*, entregaram-lhe um caderno de encargos claro: revitalizar o PCUS (e o governo), modernizar a União Soviética e reformar as estruturas económicas. O *como?* pode ser resumido nas palavras *Perestroika* e *Glasnot* (que são muito mais do que palavras), mas o *porquê?* continua a ser a pergunta mais importante.

Os velhos dirigentes soviéticos e as chefias militares fizeram de Mikhail Gorbachev secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética porque era preciso alguém cujas competências técnicas fossem superiores às competências políticas para recuperar a economia: “As camadas educadas e tecnicamente competentes que mantinham de facto a económica soviética em funcionamento tinha uma forte consciência de que sem uma mudança drástica, na verdade fundamental, era iria inevitavelmente afundar-se mais cedo ou mais tarde, não apenas por causa da inata ineficiência e inflexibilidade do sistema, mas porque a fraqueza era agravada pelas exigências de *status* da superpotência militar” (HOBSBAWM, 2011).

As coisas começam agora a ser mais claras, isto é, Mikhail Gorbachev foi feito secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética porque a economia estava a sangrar e tornara-se vital libertar recursos financeiros para a indústria militar. Porque a União Soviética estava a perder a corrida nuclear com os Estados Unidos.

Porque a “Strategic Defense Initiative” (SDI) (DURIC, 2003; DIETI, 2018; LAKOFF and YORK, 1989) anunciada por Ronald Reagan em 1983 (e por ele defendida com “rígido empenho” – (TAUBMAN, 2018) representava uma ameaça

⁴ Metáfora utilizada por Zygmunt Bauman (1991) em termos sociológicos para se referir ao cultivo de sociedades politicamente controladas em ambientes fechados.

nunca antes vista para a sobrevivência da União Soviética como superpotência militar⁵. Uma ameaça pior do que a estratégia “Mutually Assured Destruction” (MAD) devido ao seu carácter unilateral e ao peso brutal que dificilmente seria suportado pela debilitada economia soviética: “Ameaçava inclinar a balança decisivamente em favor dos Estados Unidos. Os soviéticos não tinham recursos [nem financeiros, nem tecnológicos] para um esforço equivalente” (KERSHAW, 2018).

Talvez o seu desejo íntimo fosse genuinamente travar a corrida ao armamento e iniciar um novo quadro de relações internacionais (travando assim “sangria” da economia soviética): “Não estamos interessados em ganhar uma guerra de propaganda. O nosso objectivo concreto é dar um passo concreto na direcção de um desarmamento concreto” (SPORRER and STEINER, 1988).⁶

Talvez fosse, mas não era essa a expectativa da velha guarda soviética: depois de tantas “concessões espantosas” (TAUBMAN, 2018) nas cimeiras de desarmamento, Gorbachev não podia voltar a casa “de mãos vazias” (GRACHEV, 2008). O que ajudará a explicar tanto a boa vontade e a popularidade que encontrou no Ocidente como os sucessivos golpes que sofreu internamente até à sua queda final.

Quando Mikhail Gorbachev chegou a Nova Iorque tinha apenas um objectivo: apresentar uma prova concreta do seu empenho num “desanuviamento autêntico” (SPORRER and STEINER, 1988) através da rejeição do expansionismo soviético e da tutela sobre o Leste europeu. Era muito mais do que apenas “chamar a atenção do Ocidente” ou obter apoio para enfrentar a crescente resistência à mudança sentida na União Soviética. Era uma nova “moral socialista” (SPORRER and STEINER, 1988).

Entrou no edifício das Nações Unidas para entregar um penhor para que o presidente dos Estados Unidos calendarizasse o programa *Star Wars*, e dar assim alguma previsibilidade à indústria militar soviética (apesar dos Estados Unidos estarem “muitos anos, décadas mesmo, de desenvolver uma capacidade de defesa contra mísseis”) (GADDIS, 2006).

Mas os militares soviéticos olhavam para a SDI como um “ameaça efectiva” (Dobrynin, 2001) e, depois de terem esgotado o país com o aperfeiçoamento de mísseis ofensivos, “enfrentavam de repente uma nova competição que exigia capacidades que eles não tinham esperança de dominar” (GADDIS, 2006).

⁵ A ideia de Reagan era bastante simples: “E se... fôssemos capazes de interceptar a destruir mísseis balísticos estratégicos antes de atingirem o nosso solo ou dos nossos aliados?”, ou seja, desapareceu a ideia de que a vulnerabilidade oferecia segurança (consubstanciada na MAD), cfr. GADDIS, 2006.

⁶ Original: *Was ich wirklich will! - Antworten auf die Fragen der Welt* (Budapest: Hvg-Orac Books, 1987)

Mikhail Gorbachev tinha apenas um objectivo: comprar tempo mesmo que para satisfazer os militares tivesse de comprometer o bloco socialista mundial através da sua dissolução ideológica num processo de sucessivas cedências.

Tornara-se vital comprar tempo para que a Perestroika produzisse *de facto* resultados económicos (uma impossibilidade retroactiva) sabendo-se que; não só o capitalismo não se havia desmoronado, como o modelo soviético deixara de ser competitivo. O socialismo “estava a ficar para trás em ritmo acelerado” (HOBSBAWM, 2011) e a economia profundamente “desgastada” (SPORRER and STEINER, 1988), e nem a Perestroika conseguia ressuscitá-la, nem a Glasnot permitia que se voltasse para trás.

Era “tempo de negociar” e acabar com a “ilusão” de superioridade nuclear num altura em que o tempo se tornara num “factor crítico” (GORBATCHEV, 1986). Estaria Gorbachev a pensar na SDI quando afirmou que “o aparecimento de novos sistemas de armas encurta constante o tempo disponível”? Estaria certamente quando pediu que o mundo inteiro imaginasse “que a corrida aos armamentos se alastra ao espaço cósmico” e depois dramatizou o “perigo da corrida aos armamentos poder alastrar ao espaço” (SPORRER and STEINER, 1988).

Não alastrou, mas também nunca foi uma corrida: era um projecto político-tecnológico da indústria militar dos Estados Unidos, mas devidamente credibilizado pela *sentimento de possibilidade* garantido pelo financiamento de um sistema capitalista (que funcionava). A União Soviética nunca andou sequer perto deste *sentimento de possibilidade*.

Margaret Thatcher haveria mais tarde de dizer aquilo que todos sabiam na altura, que as consequências tecnológicas e financeiras da SDI para a União Soviética seriam “devastadoras” (THATCHER, 1993). O então embaixador soviético nos Estados Unidos já assumira a extrema urgência que Mikhail Gorbachev colocara neste problema, e que passava por acabar com o projecto de Reagan “a qualquer custo” (DOBRYNIN, 2001). Afinal, os Estados Unidos eram claramente “a locomotiva do militarismo”(SPORRER and STEINER, 1988).

Por mais que Gorbachev dissesse que a SDI ira desestabilizar o equilíbrio entre as duas superpotências nucleares e aumentar “drasticamente” o risco de um guerra “de várias ordens de grandeza”, a realidade era diferente: o único trunfo que tinha para jogar era ele próprio ceder e entregar a União Soviética como penhor. Não apenas um “programa completo” para a total eliminação das armas de destruição

maciça (até o ano 2000), mas a própria *ideia* de União Soviética. Foi isso que Gorbachev entregou, Gorbachev entregou a União Soviética aos Estados Unidos: não porque a SDI iria derrotar a *pátria do socialismo*, mas porque a *pátria do socialismo* chegara ao seu fim natural.

A suspensão (ou simples calendarização da SDI) exigia que Gorbachev demonstrasse que Margaret Thatcher tinha razão e que era um homem em quem se podia confiar. Mas havia que demonstrá-lo não apenas em Londres, mas perante todo o Ocidente: “Um novo edifício [de segurança internacional] apenas pode ser construído com base na confiança e cimentado com ela. O caminho até lá não é fácil” (SPORRER and STEINER, 1988).

É enganador perguntar se Mikhail Gorbachev teria deixado cair o Muro de Berlim se soubesse o que estava para acontecer 337 dias mais tarde depois do discurso nas Nações Unidas, porque *de facto* ele queria que o muro caísse: “Fizeram o que estava certo” (TAUBMAN, 2018).

Parece que os polacos, os húngaros, os checoslovacos, os búlgaros e os romenos também fizeram o que estava certo e deitaram abaixo a fronteira exterior da União Soviética (juntamente com os jugoslavos e os albaneses). É enganador perguntar o que Gorbachev queria porque já assumira publicamente que “cada povo, cada país, têm o direito de decidir por si próprio o seu destino e os seus recursos e que são soberanos para determinar a sua evolução social” (SPORRER and STEINER, 1988).

Mikhail Gorbachev não se cansou de repetir que se considerava comunista, mas talvez o tenha sido por um tempo demasiado curto: “Começou como comunista; acabou como social-democrata ao estilo ocidental” (KERSHAW, 2018).

Restam menos dúvidas sobre os avanços decisivos no processo de democratização da União Soviética e na reconstrução de todo o espaço de debate público e cultural em torno de um novo poder: o poder de dizer o que até então era indizível.

Não foi por aqui que Gorbachev falhou, ou sequer na gradual transferência de poder do Partido para o povo comum através de um novo sistema constitucional. Falhou nas medidas de reestruturação de um sistema económico dentro dos limites do socialismo quando era a própria ideia do socialismo que se encontrava derrotada pelo imobilismo económico e falta de energia política. A economia de mercado socialista era uma impossibilidade porque não se pode ter o melhor do capitalismo continuando a ser socialista. Gorbachev destruiu o modelo económico soviético (com consequências

concretas na vida das pessoas) e não conseguiu construir nada no seu lugar. A economia desintegrou-se e com ela desintegrou-se o sistema político.

A própria Glasnot acelerou o processo, na medida em que a libertação da sociedade civil permitiu que os soviéticos questionassem o seu passado colectivo e ao mesmo tempo pensassem o futuro comparando com os níveis de vida que agora podiam aferir no ocidente: “A aceitação do comunismo pelas *massas* dependia não das convicções ideológicas ou outras semelhantes, mas de como julgavam o que a vida sob o regime comunista fazia por eles, e de como comparavam a sua situação com a de outros. Assim que deixou de ser possível isolar essas populações do contacto e do conhecimento com outros países, os seus julgamentos forem cépticos” (HOBSBAWM, 2011).

Considerações finais

Seria estúpido achar que o passado pode ser mudado se algum dia tivermos acesso ao futuro quando nem sequer a ficção científica se arrisca a perder tempo com essa impossibilidade. Talvez possamos então refugiarmo-nos numa certa ideia de repetição, ou seja, que existem ciclos que se repetem quando ocorrem determinadas condições e circunstâncias idênticas?

Isso também seria estúpido. O passado pode e deve ser reinterpretação à luz do avanço do conhecimento histórico, mas aquilo que aconteceu estará sempre imobilizado no tempo.

Por muito que o martelo de Thor assobie sobre as nossas cabeças, o passado não pode ser mudado e o presente não se repetirá no futuro.

Reconhecendo a ambição de uma discussão nesses termos, este artigo não responde às questões anteriormente colocadas, no sentido de aferir se existia ou não um sentimento generalizado na sociedade alemã tendencialmente antissemita antes da ascensão de Hitler ao poder, e que permitiu ao líder nazi mobilizar e alargar esse radicalismo em torno de outras ideias pré-existentes, como a eugenia e a superioridade da raça.

Uma ambição idêntica à discussão central sobre o desmoronamento da União Soviética tendo por base a utilização de Mikhail Gorbachev como um derradeiro trunfo dos sectores políticos conservadores e, acima de tudo, das altas chefias militares, para travar a perda de competitividade da economia e o conseqüente refluxo da indústria

nuclear perante a ofensiva de Ronald Reagan. O facto de estas questões ficarem em aberto não só não invalida a sua pertinência como até reforça a relevância da sua discussão tanto na sociedade civil como (principalmente) nos meios académicos, na medida em que o avanço do conhecimento histórico conquista-se quando se fazem perguntas ao passado.

A carta de Richard Wagner e o discurso de Mikhail Gorbachev são pontos de tensão determinantes da história contemporânea tanto pelos efeitos que tiveram na ascensão do nazismo e na queda da União Soviética, como por aquilo que explicam sobre presente e como ajudam a organizar cognitivamente o futuro.

Podemos reinterpretar permanente esse passado histórico (a história produz e ensina verdades relativas, contingenciais e revisitáveis), mas o passado *em si* continuará a ser o que foi. *Cooper* não consegue que a filha o convença a ficar porque ele já partiu naquela realidade passada.

O conhecimento histórico é importante não porque o passado pode ser mudado, ou porque se repete, mas pela importância determinante que pode ter para “interpretar o presente” (Mattoso, 2019). É importante porque o conhecimento sobre aquilo que se passou pode ser decisivo para compreender onde estamos, para onde vamos e como vamos: “Um homem não é livre se ele não pode ver para onde está indo, mesmo que ele tenha uma arma para ajudá-lo a chegar lá”⁷ (LIEBLING, 1981).

Aprender a gerir a nossa ignorância sem armas na mão deve necessariamente passar por construir conhecimento e (com rigor e verdade) levá-lo aos limites do possível, isto é, recuperar uma certa soberania cognitiva sobre a incerteza e a ficção: “Se estamos numa época de crescente incerteza não é porque alguém está deliberadamente a criar confusão (ou não é só por isso), mas sim porque carecemos de instrumentos que organizem os dados, ponderem os pontos de vista e ofereçam uma visão coerente da realidade” (INNERARITY, 2019). É essa a importância da história.⁸

Cooper não consegue que a filha o convença a ficar porque ele já partiu *naquele passado*, mas consegue ajudá-la a construir o futuro com informações sobre aquilo que *naquele presente* ainda estava por acontecer. É a história que resolve esta complexidade narrativa e a torna inteligível através do conhecimento que constrói com base na interpretação rigorosa e metodológica do passado. Já agora: se esse

⁷ Tradução nossa, do original: “A man is not free if he cannot see where he is going, even if he has a gun to help him get there”

⁸ Onde se encaixa a expressão de Niklas Luhmann: “History is always the present past or the present future”.

passado fosse mudado, a história também mudaria, mas isso, já sabemos, seria estúpido.

THE TRAP OF TIME IN HISTORY

Abstract: This article starts by arguing that history is a continuous effort to advance present knowledge through questions to the past and then to put the function of time in perspective. Perspectives compared to science fiction are used not so much to establish non-existent points of contact, but only as a narrative source to reposition history in its centrality: historical knowledge is important not because the past can be changed, or because it is repeated, but because of determinant importance it may have in interpreting the present. We cannot change the rise of Nazism, nor can we avoid the collapse of the Soviet Union and the transformation of the dynamics of the contemporary world, but we can, and must, question the time when things happened and, above all, how they happened.

Keywords: History. Science Fiction. Time. Nazism. Soviet Union.

LA TRAMPA DEL TIEMPO EN LA HISTORIA

Resumen: Este artículo comienza argumentando que la historia es un esfuerzo continuo para hacer avanzar el conocimiento presente a través de preguntas al pasado y luego poner la función del tiempo en perspectiva. Las perspectivas comparadas con la ciencia ficción se utilizan no tanto para establecer puntos de contacto inexistentes, sino solo como un recurso narrativo para repositionar la historia en su centralidad: el conocimiento histórico es importante no porque el pasado se pueda cambiar, o porque se repita, sino porque importancia determinante que puede tener en la interpretación del presente. No se puede cambiar el auge del nazismo, ni se puede evitar el colapso de la Unión Soviética y la transformación de la dinámica del mundo contemporáneo, pero podemos, y debemos, cuestionar el momento en que sucedieron las cosas y, sobre todo, cómo sucedieron.

Palabras Clave: Historia. Science Fiction. Tiempo. Nazismo. Unión Soviética.

Referências

ANDELMAN, David A. **A Shattered Peace: Versailles 1919 and the price we pay today**. Obokeb/New Jersey: Wiley, 2014.

BARTH, Rüdiger. **The last winter of the Weimar Republic: The rise of the Third Reich**. New York: Pegasus Books, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernity and Ambivalence**. Cambridge: Polity Press, 1991.

BOEMEKE Manfred F.; Gerald D. Feldman; Elisabeth Glaser (edits.). **The Treaty of Versailles – A Reassessment after 75 years**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CHAFEZT, Glenn R. **Gorbachev, Reform, and the Brezhnev Doctrine – Soviet policy toward Eastern Europe (1985–1990)**. Westport: Praeger: 1993.

CHAMBERLAIN, Houston Stewart. **Foundations of the Nineteenth Century** (1899).

DIETI, Ralph L. **The Strategic Defense Initiative – Ronald Reagan, NATO Europe, and the nuclear and space talks (1981–1988)**. Lanham/Maryland: Lexington Books, 2018.

DOBRYNIN, *Anatoly*. ***In Confidence: Moscow's Ambassador to Six Cold War Presidents***. Seattle/ Washington: University of Washington Press, 2001.

DURIC, Mira. **The Strategic Defense Initiative - US Policy and the Soviet Union**. London: Routledge, 2003.

ENGEL, Jeffrey A. **The fall of the Berlin Wall: The Revolutionary legacy of 1989**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

EVANS, Richard J. **The Coming of Third Reich**. London: Penguin Books, 2005.

EVANS, Richard J. **In Hitler's shadow: West Germany historians and the attempt to escape from the Nazi Past**. New York: Pantheon, 1989.

FEST, Joachim. **No bunker de Hitler – Os últimos dias do Terceiro Reich**. Lisboa: Guerra e Paz, 2019.

FINNEY, Patrick. **Remembering the road to World War Two – International history, national identity, collective memory**. London/New York: Routledge, 2011.

FRØLAND, Carl Müller. **Understanding Nazi ideology: The genesis and impact of a political faith**. Jefferson: McFarland, 2020; GADDIS, John Lewis. *The Cold War*. London: Penguin Books, 2006;

GOBINEAU, Arthur de. **The Inequality of the Human Races** (1853).

GORBACHEV, Mikhail. **The road we travelled – The challenges we face**. Moscow: Gorbachev Foundation, 2006.

GORBATCHEV Mikhail. **Memoirs**. New York: Doubleday, 1996.

GRACHEV, Andrei. **Soviet foreign policy and the end of the Cold War**. Cambridge: Polity, 2008.

GROTJAHN, Alfred. **Der Alkoholismus** (1898).

HAECKEL, Ernst. **The Riddle of the Universe: At the Close of the Nineteenth Century** (1899).

HETT, Benjamin Carter. **The Death of Democracy – Hitler's rise to power and the downfall of Weimar Republic**. New York: St. Martin's Griffin, 2019.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos – História breve do século XX (1914–1991)**. Lisboa: Editorial Presença: 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Escritos sobre a História**. Lisboa: Relógio d'Água, 2010.

HOCHE, Alfred; BINDING, Karl. **Die Freigabe der Vernichtung lebensunwerten Lebens: Ihr Mass und ihre minderwertigminderwertigForm** (1920).

INNERARITY, Daniel. **Política para perplexos**. Porto: Porto Editora, 2019.

JONES, Robert A. **The soviet concept of Limited Sovereignty from Lenin to Gorbachev - of the Brezhnev doctrine**. London: Palgrave Macmillan, 1990.

KATZ, Jacob. **The Darker Side of Genius: Richard Wagner's Anti-Semitism**. Massachusetts: Tauber Institute for the study of European Jewry, 1986.

KERSHAW, Ian. **Continente Dividido – A Europa (1950-2017)**. Lisboa. D. Quixote, 2018.

KEYNES, John Maynard. **The economic consequences of the Peace**. York: Empire Books, 2013.

LAKOFF, Sanford; YORK, Herbert F. **A Shield in Space? Technology, Politics, and the Strategic Defense Initiative**. Berkeley/California: University of California Press, 1989.

LANGBEHN, Julius. **Rembrandt as Educator** (1890).

LEHMANN, Hartmut; VAN HORN, James (edits.). **Paths of Continuity – Central European Historiography from 1933 into the Early 1950s**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LENZ, Fritz. **Menschliche auslese und rassenhygiene (Seleção Humana e Higiene Racial)** (1921).

LIEBLING, Abbott Joseph. **The Press**. New York: Pantheon, 1981.

MAJOR, Patrick. **Behind the Berlin Wall: East Germany and the frontiers of power**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

MATTOSO, José. **A Escrita da História**. Lisboa: Temas e Debates, 2019;

MEINECKE, Friedrich. **The German Catastrophe – The social and historical influences which led to the rise and ruin of Hitler and Germany**. Boston: Beacon Pres., 1969) [1946].

MEYER, Michael. **The year that changed the world: The untold story behind the fall of the Berlin Wall**. New York: Scriber, 2012.

MOSSE, George L. **The crisis of German ideology: Intellectual origins of the Third Reich**. New York: Howard Fertig Publisher, 1999.

OUIOMET, Matthew J. **The rise and fall of the Brezhnev doctrine in soviet foreign policy**. Chapel Hill/ North Carolina: University of North Carolina Press, 2003.

PLOETZ, Alfred. **The efficiency of our race and the protection of the weak** (1895).

ROSS, Alex. **Wagnerism: Art and Politics in the shadow of music**. New York: Farrar, Straus and Girou, 2020.

SAROTTE, Mary Elise. **The Collapse: The accidental opening of the Berlin Wall**. New York: Basic Books, 2015.

SEBESTYEN, Victor. **Revolution 1989 – The fall of the soviet empire**. New York: Vintage, 2010.

SPORRER, Maria Herbert; MARIA, Steiner (edits.). **Was ich wirklich will! - Antworten auf die Fragen der Welt**. Budapest: Hvg-Orac Books, 1987.

SPOTTS, Frederic. **Bayreuth: A History of the Wagner Festival**. London: Yale University Press, 1994.

STERN, Fritz R. *The politics of cultural despair: A study in the rise of the Germanic ideology*. Berkeley: University of California Press, 1974.

Strategic Defense Initiative – Survivability and software. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1988.

TAMPKE, Jürgen. **A Perfidious distortion of History: The Versailles Peace treaty and the success of the Nazis**. Melbourne/London: Scribe, 2017.

TAUBMAN, William. **Gorbachev – A Biografia**. Porto Salvo: Desassossego, 2018.

TAYLO, Frederik. **The Berlin Wall – A World Divided (1961-1989)**. New York: Harper Perennial, 2008.

THATCHER, Margaret. **The Downing Street Years**. New York: HarperCollins, 1993.

THORNE, Kip. **The Science of Interstellar**. New York, London: W.W. Norton & Company, 2014.

VON BERNHARDI, Friedrich. **Germany and the next war (1912)**.

VON TREITSCHKE, Heinrich. **The Nineteenth Century (1879-1894)**.

WAGNER, Cosima. **Diaries (1878-1883)**.

WEINER, Marc A. **Richard Wagner and the Anti-Semitic Imagination**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1995.

WEISS, Sheila Faith. **Race Hygiene and National Efficiency: The eugenics of Wilhelm Schallmayer**. Berkeley: University of California Press: 1987.

WEITZ, Eric D. **Weimar Germany: Promise and tragedy**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

WOLTAMANN, Ludwig. **Politische Anthropologie: Eine Untersuchung über den Einfluss der Descendenztheorie auf die Lehre von der politischen Entwicklung der Völker (1903)**.

ZIMMERMANN, Moshe. **Wilhelm Marr – The Patriarch of Antisemitism**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1987.

Filmografia

Interstellar. Realização de Christopher Nolan. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2014.

The Martian. Realização de Ridley Scott. Estados Unidos: 20th Century FoX, 2015.

SOBRE O AUTOR

Adelino Cunha é doutor em História Contemporânea pelo Programa Interuniversitário de Doutoramento em História (PIUDHist): Instituto de Ciências Sociais (ICS), Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa), ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Évora e Universidade Católica Portuguesa; docente da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, da Universidade Europeia (IADE), e da Universidade NOVA de Lisboa.

Recebido em 12/08/2020

Aceito em 05/11/2020